



EIXO 11: FORMAÇÃO E TRABALHO DE PROFESSORES PARA OS DESAFIOS DO ENSINO NO SÉCULO XXI

ENTRE CURRÍCULOS E UTOPIAS: NARRATIVAS DE ESTUDANTES SOBRE A FORMAÇÃO DOCENTE NA ERA DA BNC-FORMAÇÃO

Tamara Insauriaga Bueno

UFPel

tibueno13@gmail.com

Erika Leite Cardoso

UFPel

erikaaleitec@gmail.com

Financiamento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

Resumo

O presente trabalho busca contribuir com o campo da formação de professores, considerando os desafios do ensino no século XXI. Aqui, dá-se ênfase para os estudos sobre a formação de professores e as principais perspectivas teórico-práticas, estabelecendo relações com os espaços institucionais onde se instalam os processos formativos. No âmbito dessas discussões, constroem-se as questões que movimentam a presente pesquisa, que tem como objetivo compreender os efeitos das recentes reformas curriculares no desenvolvimento pessoal e profissional de acadêmicos do curso de Pedagogia, orientado pela Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação) aprovada em 2019. A problemática da pesquisa pode ser expressa através da seguinte questão: Qual subjetividade é produzida a partir da “tela” das políticas envolvidas na BNC-Formação? Ainda, a pesquisa propõe-se a pensar: como os licenciandos percebem as



mudanças curriculares baseadas em competências? Isso afeta o imaginário sobre o futuro exercício profissional? O esforço empregado na construção deste trabalho, de olhar os atravessamentos subjetivos das mudanças curriculares oriundas de diretrizes e determinações governamentais, justifica-se “pelo fato de que esse discurso compreende a educação como uma atividade semelhante àquela da produção fabril e, como tal, visa lhe impor – e aos sujeitos que a empreendem – a lógica própria à atividade fabricadora em sua modalidade industrial” (Fanizzi e Carvalho, 2024, p. 6). A imposição de diretrizes para orientações da docência, em alguma medida, aproxima o professor à figura do “*ninguém*”, uma metáfora que representa as “vicissitudes do ofício docente submetido à tecnicização, à normalização burocrática e ao fetiche da redução dos desafios da atividade docente à aplicação de supostas metodologias pedagógicas redentoras.” (Ib., p. 2). Buscando responder às questões elencadas e entender os possíveis desdobramentos na subjetividade dos alunos, realizaram-se dois movimentos, um inicial, focado no estudo da Resolução CNE/CP nº 2, de 20 de dezembro de 2019, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica e no estudo da Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Educação Básica). Segundo, a realização de quatro entrevistas narrativas com estudantes do curso de Pedagogia da UFPel, todos com experiências ligadas ao currículo reestruturado a partir da Resolução CNE/CP nº 2/2019. As entrevistas foram organizadas e conduzidas considerando os apontamentos de Schütze (2022) sobre entrevistas narrativas, ou seja, para além dos cuidados éticos na condução e posterior armazenamento dos dados, focamos no que, sociologicamente, interessava sobre as histórias formativas dos sujeitos. A estruturação das entrevistas seguiu a lógica do autor de compreender três partes centrais, sendo elas: Primeira parte central - perguntas abertas que tinham como objetivo convidar o sujeito a narrar a si mesmo, sua trajetória até o curso, sonhos, expectativas, motivações e demais informações que estes considerassem relevantes. Segunda parte central - momento em que a temática da pesquisa, a BNC-Formação, se entrelaça mais objetivamente nas narrativas. Nesse momento, com base no que foi narrado



inicialmente, os sujeitos foram convidados a partilhar experiências e vivências que ajudassem a perceber como a política da BNC-Formação aparece ou não nos discursos, como ela é vivida, mesmo que não nomeada, e que racionalidades pedagógicas ela impõe. Terceira parte central - aqui, o objetivo era exercitar a capacidade reflexiva dos sujeitos sobre si mesmos. As perguntas tinham um caráter argumentativo e de teorização, buscando tensionar as subjetividades narradas com as alterações curriculares vividas. Esse momento abrangeu tanto reflexões sobre os desdobramentos institucionais de um currículo tecnicista, quanto os subjetivos, vividos pelos sujeitos. A escuta e construção das narrativas permitiram-nos acessar os micropoderes e as formas que os espaços-tempos e demandas afetam o trabalho e a percepção de docência dos sujeitos. Adentrando aos poucos no universo das narrativas, identificou-se três possíveis chaves de leitura para o que foi narrado: a invisibilidade e opacidade das políticas curriculares, o foco em competências e em um “saber” pragmático e subjetividades tensionadas entre utopia e precarização. A ausência de diálogo sobre esse tipo de política revela o modo como tais normativas atravessam os cotidianos formativos de maneira silenciosa, invisível e opaca; reorganizando as estruturas e expectativas do curso sem que os estudantes tenham clareza do porquê ou para quê tais mudanças aconteceram. Nota-se que a educação “passa a ser orientada por discursos e dispositivos que almejam garantir a governabilidade e padronização de suas atividades” (Fanizzi e Carvalho, 2024, p. 8). Ainda assim, suas narrativas expressam percepções e sentidos que nos ajudam a compreender as lógicas subjetivas em disputa. O foco em competências e em um “saber” pragmático foi também experienciado, ainda que identificado por outros nomes e meios, haja visto o narrado sobre o aumento das disciplinas, a intensificação das avaliações e a lógica do desempenho que foram elementos frequentemente apontados. Ainda, no ponto subjetividades tensionadas entre utopia e precarização, os estudantes falam de cansaço, sobrecarga e desorganização institucional. Sentem que aprenderam a fazer, mais do que a pensar ou ser professoras. Ao mesmo tempo, suas falas também evidenciam resistência, desejo e crítica. A docência é, para eles, lugar de sonho, utopia, humanidade. Mesmo diante da precarização e



do desconhecimento das políticas que regulam sua formação, insistem na vontade de fazer a diferença, de ser porto seguro, de ensinar com o coração e com consciência. Percebe-se a importância de produzir espaços-tempos de formação que escapem à lógica técnica e performativa instaurada por políticas hegemônicas. Mais do que formar para responder a competências mínimas, é preciso cultivar espaços em que a docência possa ser sonhada, discutida e sentida. A partir das narrativas produzidas, entendemos que toda política forma e reforma também subjetividades, e que disputar os sentidos dessa formação é disputar os sentidos da própria educação.

Palavras-chave: Formação docente; BNC-Formação; Narrativas.

Referências

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. **Resolução CNE/CP nº 2**, de 20 de dezembro de 2019. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação). Diário Oficial da União, Brasília, Seção 1, p. 46-49, 15 abr. 2020. Disponível em: portal do MEC. Acesso em: Jul. 2025

FANIZZI, Caroline; CARVALHO, José Sérgio Fonseca de. Não é ninguém, é o professor! sobre a figura docente e o seu ofício. (2024). **Educação Em revista**, Belo Horizonte, vol. 40, e38660, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/edrevista/article/view/38360> Acesso em: Jul. 2025.

SCHÜTZE, Fritz. **Pesquisa biográfica e entrevista narrativa**. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle (org.). Metodologias da pesquisa qualitativa em educação: teoria e prática. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022. p. 211–240.